

VICENTE

COLECÇÃO DIRIGIDA POR OSÓRIO MATEUS

Osório Mateus
LIVRO DAS OBRAS

Quimera

LISBOA 1993 | e-book 2005

Os livros das obras que escritas vi, sereníssimo senhor, assi em metro como em prosa, são tam florecidas de cientes matérias, de graciosas invenções, de doces eloquências e elegâncias, que temendo a pobreza de meu engenho, porque nasceu e vive sem possuir nenhũa destas, determinava deixar minhas misérrimas obras por empremir, porque os antigos e modernos nam leixaram cousa boa por dizer, nem invençam linda por achar, nem graça por descobrir. Assi que, pera passar seguro da pena que minha ignorância padecer nam escusa, me fora ferosa guarida nam dizer senam o que eles dixeram, ainda que eu ficasse como eco nos vales que fala o que dizem, sem saber o que diz. Porém, querendo eu no presente preâmbulo ajudar-me do seu costumado estilo em querer louvar as excelências de vossa alteza como eles fazem aos senhores a quem suas obras endereçam, que farei? Sendo certo que ainda que fosse em mi só a sua oratórea tam facunda como em todos eles e me fosse traspassado o spirito de David, nam presumiria escrever de vossa alteza a mínima parte de sua magnífica bondade, de sua nobilíssima condiçam, de sua discreta mansidade, do perfeito zelo de sua justiça, da sua paz, da sua guerra, da sua graça, gravidade, conselho, sabedoria, liberalidade, prudência e finalmente do seu cristianíssimo firmamento. Outrossi, querendo navegar pola rota do seu exórdio deles, pedindo a vossa alteza favor e emparo pera que minha enferma escretura nam seja ferida de línguas danosas, parece-me injusta oração pedir tam alto esteo pera tam baixo edefício, quanto mais que, ainda que dino fora de tam nobre emparo, tenho consirado que Cristo, filho de Deos, sob emparo de poderio eternal do Padre e todos seus bem aventurados santos, nam passaram por esta vida tam livres que dos malditos detratores nam fossem julgadas suas divinas obras por humanas liviandades, sua santa doutrina por máxima ignorância, sua manifesta bondade por falsa malícia, sua santíssima graça por sorretício engano, sua excelsa abstinência por vil hipocresia, sua celeste pobreza por terreno vício. Pois rústico peregrino de mi, que espero eu? Livro meu, que esperas tu? Porém te rogo que, quando o ignorante malicioso te reprender, que lhe digas: Se meu mestre aqui estivera, tu calaras. Finalmente que, por escusar estas batalhas e por outros respeitos, estava sem propósito de emprimir minhas obras se vossa alteza mo nam mandara, nam por serem dinas de tam esclarecida lembrança, mas vossa alteza haveria respeito a serem muitas delas de devaçam e a serviço de Deos endereçadas e nam quis que se perdessem, como quer que cousa virtuosa por pequena que seja nam lhe fica por fazer, por cujo serviço trabalhei a copilaçam delas com muita pena de minha velhice e glória de minha vontade que foi sempre mais desejosa de servir a vossa alteza que cobiçosa de outro nenhum descanso.

Este preâmbulo de Vicente nam houve efeito. Em 1562, foi integrado na Copilaçam com a nota: *o autor deregia esta cópia de suas obras ao muito alto e excelso príncipe el rei dom João, o terceiro deste nome em Portugal.*

1562

Copilaçam de totalas obras
Coimbra e Lisboa: João Álvares

O último projecto artístico de Vicente terá sido o de um livro impresso, que organizasse uma retrospectiva dos autos, pela reprodução dos versos que tinham sido parte do teatro. A preparação da *cópia de suas obras* é feita no fim da vida e por mandado do rei. No novo *prólogo*, o filho Luís lembra: *porque sua tençam era que se empremissem suas obras escreveu per sua mão e ajuntou em um livro muito grande parte delas, e ajuntara todas se a morte o nam consumira*. A execução foi interrompida e o material terá estado mais de um quarto de século sem ser impresso. *Livro meu, que esperas tu?*

O primeiro sinal do rosto é o desenho de uma folha de hera. A seguir, começa uma grande frase impressa, que regista informação. O sujeito muda de género e número, mas tem uma referência constante: a *Copilaçam*, o livro, o cancionero, os volumes.

Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente,

Cada exemplar tem 262 folhas numeradas, mais quatro com textos preliminares: alvará de *privilégio*, *taboada*, *prólogo* do filho Luís e *preâmbulo* de Vicente. As folhas medem 19 por 27,5 centímetros e comportam 43 linhas, mais uma de cabeçalho que reparte e numera. Os tipos pertencem a diferentes conjuntos e alguns estão partidos. A letra romana serve para palavras de memória, títulos, argumentos, notas. A letra semi-gótica distingue outros níveis de linguagem e serve para a transcrição dos ditos das figuras.

A *Copilaçam* é memória literária de trabalho de teatro. O editor sincroniza material de idades e estados diversos e o que quer imprimir são as palavras usadas em cada auto, dispostas em sequência e distribuídas por figuras. Sob a forma de rubricas iniciais, o registo inclui também pequenas crónicas que conservam títulos e circunstâncias de apresentação. A voz que fala diz *autor* na terceira pessoa e faz de *editor* (Luís), mas também diz *autor* na primeira pessoa (Gil).

O alvará de *privilégio* refere obras *que até ora andaram empremidas polo meúdo e outras que o ainda nam foram*. Alguns textos nunca tinham sido impressos, talvez por o material disponível não ter contorno para a forma tipográfica autónoma. Entretanto, outros textos tinham sido publicados soltos, alguns antes de 1536, em vida e à vista do autor. Estão localizados o *Auto de moralidade* ou *Inferno*, primeiro exemplo de edição de teatro em Portugal, *Maria Parda*, *Inês Pereira*, *História de Deos* e *Ressurreição*. Sabe-se que houve mais. O *Abecedarium B*, catálogo preparado em Sevilha por Fernando Colón (1488-1539), refere a existência de *Viúvo*, *Inferno*, *Purgatório*, *Velho*, *Índia* e *Juiz*. O *Rol dos livros defesos* (Lisboa, 1551) indica *Duardos*, *Lusitânia*, *Pedr'Eanes*, *Jubileu d'Amores*, *Aderência do*

Paço, Vida do Paço, Físicos. O *Index* de Valladolid (1559) mostra que houve *Amadis*. Fragmentos de texto para rosto de folheto permitem pensar que tenha havido *Farelos, Fé, Almocreves, Inverno e Verão, Cananea, Mofina*.

Quando há impressos soltos anteriores, a *Copilaçam* adapta-os. O confronto é possível nos casos de *Inferno, Maria Parda* e *Inês Pereira* e mostra que os folhetos têm melhor memória e outra informação. A nova edição implicou cortes em rubricas narrativas de acções, introduziu frequentes ultracorreções sintácticas que parecem trabalho de quem não ouviu os textos e fez desaparecer cantigas e intentos de transliterar música. No entanto, a consideração dos lugares transformados permite distinguir, por vezes, trabalho do próprio autor. Em *Inferno*, a resposta de Joane à pergunta *Quem és tu?* tem, no folheto, a forma *Samica alguém*. Na *Copilaçam*, *Nam sou ninguém*. A notável melhoria parece da mão de quem já inventou as figuras para *Lusitânia* (1532).

O prólogo compõe um triunfo da tipografia, arte que gera a ilusão de ressuscitar obras. Mas morre o que uma vez foi arte viva. O corpo impresso de Vicente é imperfeito porque a sua vida no teatro não cabe num livro – nem em cinco, como a *Copilaçam* tenta.

a qual se reparte em cinco livros: o primeiro é de todas suas cousas de devaçam, o segundo as comédias, o terceiro as tragicomédias, no quarto as farsas, no quinto as obras meúdas.

A montagem dos textos é feita por classificação e cronologia. *Livro* é conceituado como unidade de articulação: *cinco livros*. Os quatro primeiros correspondem a quatro *calidades* de teatro. No meio do caminho do seu teatro (c.1521), ao descrever o trabalho feito para Lianor e Manuel I, Vicente distinguia *Comédias, farsas y moralidades que he compuesto*. É esta a articulação que permanece em 1562, com o acrescentamento da espécie *tragicomédias*, nome impróprio que corrompe o paradigma. O primeiro livro reúne textos de autos apresentados em capelas ou igrejas e as duas únicas excepções – *Visitação* e *Inferno* – são justificadas nas didascálias. Nos três livros seguintes distribuem-se textos de autos apresentados em salas de palácio. No quinto, o editor integra o material que sobrou e apaga memórias de teatro: *Pregação*, talvez *Maria Parda, Tormenta*. É possível desfazer a montagem imposta pela *Copilaçam*, ter em conta a data real de cada objecto e organizar melhores sequências de leitura.

A meio do rosto e antes que a frase impressa continue, há a imagem das armas de Portugal, encimadas por um grifo e cercadas de folhagem. Ao nível das asas estão a esfera armilar e a cruz de Cristo.

*Empremiu-se em a mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa em casa de João Álvares impressor d’el rei nosso senhor.
Ano de 1562.*

A impressão demorou cerca de um ano. Começou em Coimbra, onde se fez o *livro primeiro* (1561), e acabou em Lisboa a 12 de Setembro de 1562. Apesar do cuidado na impressão, há erros que dificultam a leitura. As diferenças de exemplar para exemplar, em especial na última página do *livro quarto*, mostram trabalho em progresso e tempo a passar.

Em Portugal, 1562 é a data da primeira *Copilaçam de todalas obras* de um autor de teatro. A produção contemporânea de livros parcelares do mesmo género situa-se em Coimbra (João de Barreira e António de Mariz), em Évora (André de Burgos) e em Lisboa (Germão Galhardo). Recordo as comédias *Eufrosina* (edições em 1555, 1560, 1561, 1566), *Estrangeiros* (1559, 1561, 1569), *Vilhalpandos* (1560) e *Fanchono* (1562). Há teatro clássico traduzido – *Electra* (1555) – e em latim – *Thyestes* e *Troas* (1559), *Hercules* e *Medea* (1560), *Aulularia*, *Captivi*, *Stichus* e *Trinummus* (1568). Há também muitos folhetos com textos de autos de vários autores, sem data registada mas deste mesmo tempo.

Foi visto polos deputados da santa Inquisição.

A *Copilaçam* de 1562 foi o primeiro livro português de teatro a ter no rosto a menção de censura prévia e o aspecto dos seus textos é também um constrangimento imposto pela Inquisição dominante. Não se pode medir o alcance do expurgo e restaurar o estado anterior dos registos, mas pode dar-se como certo que houve cortes, emendas e que desapareceu o *Jubileu d'Amores*, pelo menos. No caso de *Inferno*, o confronto entre as versões do folheto de 1517 e da *Copilaçam* permite observar o trabalho da censura e conjecturar o grau de alteração nos demais textos. O exemplo mais claro é o da emenda no número do Frade dominicano, brigão e amancebado.

A *Copilaçam* é publicada onze anos depois do *Rol dos livros defesos* (1551), que censurava ou proibia *Duardos*, *Lusitânia*, *Pedr'Eanes*, *Jubileu*, *Aderência*, *Vida do Paço*, *Físicos* e revelava trabalho de emenda: *O auto de dom Duardos que nom tiver censura como foi emendado. O auto de Lusitânia com os diabos, sem eles poder-se-á emprimir. O auto de Pedr'Eanes, por causa das matinas*. Pelo menos quatro dos textos indicados estão na edição de 1562 e sem os cortes prescritos. *Duardos* aparece numa versão que um zelo maior da censura vai substituir na edição de 1586. *Aderência* e *Vida do Paço* podem estar presentes com títulos novos: *Almocreves*, *Fadas*. *Físicos* parece vir inteiro, mas a *taboada* não o menciona.

Com privilégio real.

Impresso na segunda folha, vem o alvará de *privilégio* por dez anos, concedido a Paula, filha do autor dos autos e moça da última filha de Manuel I, a infanta Maria. É feito em nome de Sebastião, que tem sete anos, e assinado pela regente.

Com privilégio parece ter sido feito o livro e todo o teatro de Vicente. As palavras de glosa da *Copilaçam* contam dois tempos: o do teatro (1502-1536) e

o do livro (1561-1562). Por letras, há actores vivos e mortos. Vicente é a primeira figura do tempo do teatro. Lianor, a rainha velha, é a segunda e as rubricas contam o seu envolvimento no trabalho. Manuel I, João III e esposas surgem como corpos que aplaudem, mas João III tem mais papéis. São-lhe dirigidas falas no interior de autos, é destinatário do prólogo de *Duardos*, de uma trova de 1527, da carta de 1531 sobre *Tormenta* e do *preâmbulo*. Caterina é jovem esposa no tempo do teatro e viúva regente quando a *Copilaçam* vai para a tipografia. Figuras do tempo do livro são os filhos editores, Paula e Luís, o impressor João Álvares, os mecânicos, os censores e o novo rei a quem o *prólogo* é dirigido: *porque sei que já agora nessa tenra idade de vossa alteza gosta muito delas e as lê e folga d'ouvir representadas*.

Na penúltima linha do rosto, e antes que a frase impressa termine, três pontos entre parêntesis curvos formam um triângulo.

Vendem-se a cruzado em papel em casa de Francisco Fernandes na Rua Nova.

A *Copilaçam* é um objecto grande e caro. O custo está impresso porque se espera um tempo de preços estáveis ou venda rápida.

Estão localizados sete exemplares:

1 – Biblioteca Nacional (R 175 A). Faltam-lhe o rosto original, as três folhas seguintes e as treze últimas. Rosto e cólofon foram copiados à mão. Foi o exemplar de base para o fac-símile publicado em 1928.

2 – Arquivo Nacional da Torre do Tombo (5054 – série preta – Casa Forte). Veio do convento de S. Francisco de Xabregas. Tem folhas remendadas e falta-lhe o rosto. O cabo não está assinado.

3 – Mafra (24-10-7). Faltam-lhe o rosto e a quarta folha. Das preliminares restam duas que foram colocadas no fim. O cabo não está assinado. Foi rasurado a tinta e há páginas que deviam ser vistas por quem estuda porque são testemunho do que pode uma censura.

4 – Vila Viçosa. Pertence à Fundação da Casa de Bragança. Alguém cortou as folhas de *Farelos*, que foram substituídas por fac-símiles em papel antigo.

5 – Biblioteca Nacional de Madrid (R 8087). Encadernação em pergaminho, com lombada manuscrita, talvez do século XVI. Foram arrancadas as folhas com os textos de *Duardos* e *Amadis*. Estão assinalados a lápis versos que referem Castela.

6 – Harvard. Pertenceu a Fernando Palha. Em 1919, foi descrito por Braamcamp Freire como o mais perfeito que conhecia. Em 1928, serviu para se poder completar o fac-símile. Foi depois vendido para os Estados Unidos e está numa biblioteca da Universidade.

7 – Göttingen. Tem emendas manuscritas. Falta-lhe a folha 124 (*Duardos*), que tinha falas de amor. Na 173 (*Serra*), falta o canto de baixo. Talvez alguém o rasgasse para ter um recorte a dizer *e que a filha do juiz me fizesse sempre a cama*. A edição de 1834 foi feita a partir deste exemplar.

1586

Copilaçam de todas as obras

Lisboa: Andrés Lobato

Um quarto de século depois da primeira *Copilaçam* é posta à venda a segunda. Cada exemplar tem 281 folhas numeradas, mais duas com textos preliminares e *taboada*. As folhas medem 12,5 por 17,5 centímetros e comportam 38 linhas.

O primeiro livro tem na portada desenhos semelhantes aos da falsa edição original de *Os Lusíadas*: uma moldura encimada por um pelicano com o bico voltado para a direita. O plinto e as duas colunas estão invertidos. A moldura repete-se nas portadas do segundo e quarto livros, com as posições já corrigidas, mas as datas das gravuras não coincidem entre si nem com a realidade. Os versos estão impressos em caracteres romanos e a duas colunas na maioria das folhas. Títulos ou rubricas, em corpo maior, ocupam toda a largura da mancha tipográfica. Os caracteres são grosseiros e há muitos erros tipográficos, imagens e letras cortadas ou tortas, variações de tintagem, textos mal centrados, títulos errados. O papel varia de espessura. A partir da folha 253 a sua qualidade piora, tal como a impressão que já era deficiente.

A segunda *Copilaçam* copia mal a primeira e está mais censurada, mas tem diferenças positivas em relação à de 1562. Uma diz respeito ao texto de *Duardos*. Quando chega a esta comédia, a *Copilaçam* de 1586 não segue a primeira e reproduz outro impresso. A versão utilizada tem mais versos e uma figura nova: Grimanesa, uma noiva feia. Desse impresso ficou também um manifesto de Vicente sobre o seu trabalho, escrito no começo do reinado de João III (c. 1521). Outra diferença positiva é a existência de imagens que documentam teatro. Em trinta folhas, o impressor utilizou vinhetas em madeira com representação de figuras e cenas. Algumas aparecem noutros livros quinhentistas, mas não há mais nenhum que reúna um conjunto tão grande.

O rosto reproduz o programa de 1562 e acrescenta:

Vão ãmendadas polo santo Ofício como se manda no Catálogo deste reino.

Em 1586, o expurgo feito para a primeira *Copilaçam* não basta e a nova censura faz desaparecer oito textos: *Exortação*, *Templo*, *Romagem*, *Fadas*, *Clérigo*, *Físicos*, *Pregação* e *Tormenta*. No interior dos que ficaram há fragmentos suprimidos, estrofes incompletas, versos alterados. Cumpriu-se o teor do *Catálogo dos livros que se proíbem nestes reinos e senhorios de Portugal*, de 1581: *Das obras de Gil Vicente que andam juntas em um corpo se há-de riscar o prólogo até que se proveja na ãmenda dos seus autos que tem necessidade de muita censura e reformação.*

No verso da primeira folha vem a licença da censura e a aprovação de frei Bartolomeu Ferreira, de que cito: *vi um livro cujo título é Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente. As quais, êmendadas conforme ao Catálogo do reino, e tirada a carta que vai no cabo, com o mais que se tirou e censurou, nam tem nada contra a fé e bons costumes, nem cousa escandalosa, nem temerária e malsoante. E assi se poderão imprimir da maneira que aqui vão.*

*Foi impresso em a mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa por
Andrés Lobato.*

Ano de 1586

O impressor é um espanhol que trabalha em Antequera entre 1570 e 1577 e vem depois para Lisboa onde executa livros, pelo menos entre 1583 e 1587. O editor é Afonso Lopes, moço da capela real, a quem é concedido privilégio por dez anos para a impressão e a venda.

Um ano depois, Andrés Lobato e Afonso Lopes estão de novo juntos para a publicação de *Autos e Comédias Portuguesas*, com textos de autores como António Prestes e Luís de Camões. É um livro de modelo semelhante, o que pode significar que a *Copilaçam* de Vicente continuou a ter procura.

Está taxado a papel a reis.

Fica preparado espaço em branco para indicação do custo. Num dos exemplares conhecidos foi escrito à mão o número 200.

Estão localizados seis exemplares:

1 – Biblioteca Nacional (R 221 V). Tem como data 1585 e pertence ao princípio da tiragem. Está mutilado.

2 – Biblioteca Nacional (R 220 V). Foram feitos riscos que cumprem disposições do *Index* de 1624 e impossibilitam a leitura. Há microfilme (F 2405).

3 – Biblioteca da Ajuda. Desapareceram as folhas preliminares e começa logo com os textos dos autos. Faltam também as folhas correspondentes a *Rubena* e a 260. Alguém emendou à mão erros tipográficos, reconstituiu a 281, coseu ou remendou outras. Foram feitos sublinhados, cruces, anotações e cortes que seguem o *Index* de 1624. O risco chegou a rasgar o papel.

4 – Biblioteca Pública de Évora. No rosto está escrito: *Correctus iuxta expurgatorium anno 1625 mense jul.* São frequentes falas ou rubricas riscadas. Algumas folhas em que o texto tinha ficado ilegível foram copiadas à mão e juntas ao livro. Com letra do século XIX estão feitos mais restauros.

5 – Harvard. Pertenceu a Fernando Palha. Foi vendido para os Estados Unidos e está numa biblioteca da Universidade.

6 – Göttingen. Foi usado por Barreto Feio e Gomes Monteiro, editores de 1834, para suprir a falta da folha 124 (*Duardos*) no exemplar da primeira edição.

1834

Obras de Gil Vicente
Hamburgo: Langhoff

Dois séculos e meio depois da segunda *Copilaçam*, é feita a edição romântica de Hamburgo, que inaugura a época moderna de Vicente. Na cultura do Antigo Regime, o autor foi existindo para cada vez menos leitores. No século XVII, houve ainda folhetos soltos, com os textos de *Inferno*, *Purgatório*, *Glória*, *Juiz*, *Duardos*, *Maria Parda*. A seguir ao terramoto de 1755, o costume parece perdido.

Em 1826, no prefácio do *Parnaso Lusitano*, Garrett tinha anunciado o seu projecto de uma edição *do nosso Plauto, fruto de longo e penoso trabalho*. Não o realizou, mas é possível que seja ele o instigador da edição de Hamburgo, que representa um gesto cultural novo e torna Vicente o primeiro autor clássico do século de ouro.

O rosto informa que as obras foram *correctas e emendadas pelo cuidado e diligência de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro*. Os editores são dois exilados liberais, *movidos do amor que sempre tiveram pelas nossas cousas*. Aquando da publicação, José Vitorino Barreto Feio, leitor e tradutor de Virgílio, Tito Lívio e Alfieri, tinha 52 anos. José Gomes Monteiro, um bom cultor de livros, tinha 27.

A revolução bibliográfica romântica permitiu que na Alemanha circulasse informação sobre o teatro de Vicente. Em 1769, Dieze anuncia na *Geschichte der spanischen Poesie* a existência em Göttingen de um exemplar da primeira *Copilaçam*. Em 1805, Bouterweck escreve vinte e sete páginas de resumo de alguns autos, em particular de *História de Deos*, para a *Geschichte der portugiesischen Poesie*. Em 1824, o tradutor anónimo da *Ósmia*, na *Geschichte der dramatischen Kunst in Portugal*, dedica seis parágrafos a Vicente. Entre 1821 e 1832, Boehl de Faber publica *Floresta* e a antologia *Teatro español anterior a Lope de Vega*, que apresenta *Visitação*, *Pastoril Castelhana*, *Reis*, *Cassandra*, *Tempos*, *Rubena*, *Viúvo*, *Inverno e Verão e Físicos*. Em 1833, a *Geschichte der Poesie*, de Rosenkranz, dá informação sobre Vicente.

A edição de Hamburgo é em três tomos. O texto está impresso a uma coluna, num total de cerca de mil e trezentas páginas, e a arrumação dos textos repete a linha de montagem de 1562. O primeiro tomo tem *cousas de devaçam*. O segundo, *comédias e tragicomédias*. O terceiro, *farsas e obras meúdas*. Só houve liberdade de deslocação para os escritos preliminares. Assim, o *preâmbulo* de Vicente pôde entrar nas *obras meúdas*. O *prólogo* do filho e o *privilégio real* aparecem no novo *Apêndice*, ao lado de outros textos contemporâneos do autor dos autos: a *Ida da infanta dona Breatiz pera Sabóia*, o *Genethliacon* e o juízo aleivoso de Garcia de Resende na *Miscelânea*.

Barreto Feio terá sido o autor da transcrição, feita a partir do exemplar da *Copilaçam* de 1562 existente em Göttingen, a que falta a folha 124 (*Duardos*) e o

canto inferior da 173 (*Serra*). Para suprir a primeira lacuna, foi utilizado um exemplar da *Copilaçam* de 1586. Não pôde ser feito o mesmo para a segunda porque o texto tinha sido censurado neste passo.

A *Advertência* enuncia os critérios: *Corrigimos todo o lugar onde nos pareceu manifesto o erro tipográfico (...) Enquanto à ortografia, assentámos aproximar-nos da moderna, nunca porém de maneira que a pronúncia sofresse alteração, dando uma voz moderna pela antiga.* São frequentes os enganos de leitura, há versos inteiros desaparecidos, rubricas suprimidas, alterações em nomes de pessoas e de lugares, datas erradas, como a de *Índia* (1519 por 1509). Leite de Vasconcelos, no artigo «Sobre o valor filológico da edição de Hamburgo», de 1902, adverte: *quem, sobretudo para trabalhos linguísticos, quiser servir-se dela, precisa de proceder com circunspecção.* Exemplifica com o cotejo do texto de *Juiz*, nas edições de 1562 e de 1834. Aponta muitos erros, mas nem sempre tem razão.

Gomes Monteiro terá sido o autor do *Ensaio sobre a vida e escritos de Gil Vicente*, que figura no tomo primeiro. Assinala defeitos *já do século [XVI], já da situação de Gil Vicente*, mas o que fica à vista é o anacronismo de quem escreve em 1834. Podem, no entanto, enumerar-se virtudes do *Ensaio*. Sabe reconhecer uma voz de autor num fragmento de *Floresta* e escreve uma biografia que até hoje não foi muito alterada. Conhece a literatura de Vicente e lança questões que até ao século XX ocupam os videntistas românticos, sobretudo a lenda das influências, desde Juan del Encina e Torres Naharro até ao teatro de França e de Itália.

O tomo terceiro contém uma *Tábua glossária, mostrando a significação conjectural de alguns termos antiquados e rústicos, que se não encontram nos melhores dicionários.* Estas sete páginas constituem a primeira tentativa de organização de um glossário de Vicente.

Apesar de ter ardidado parte da tiragem, a edição de Hamburgo vigora durante quase um século. Por ela, em 1838, Garrett faz *Um Auto de Gil Vicente*. Por ela ainda, na primeira República, lêem os estudiosos e escreve Carolina Michaëlis as notas que publica entre 1912 e 1923. Até aparecer o fac-símile de 1928, é a melhor que um leitor doméstico pode ter à mão.

1843

Obras de Gil Vicente

Paris: Baudry

A edição de Hamburgo foi matriz de outras, que lhe repetem a montagem e a leitura com erros e lapsos incluídos. A de Paris é a mais falsa de todas e parece ter sido um mau negócio para Baudry. Aproveitando exemplares da edição de 1834, simulou uma nova impressão e pôs no mercado séries de três tomos. Foram feitos rostos, capas e anterrostos novos, onde se lê: *Clássicos Portugueses. Tomo IV. V. VI.* No verso, está o nome da tipografia onde terão sido impressas estas folhas: Fain & Thunot.

1852
Obras de Gil Vicente
Lisboa: Biblioteca Portuguesa

É a primeira edição que se faz em Portugal no século XIX e está organizada em três tomos de formato pequeno. Reproduz o texto da edição de 1834, de que também transcreve o *Ensaio* e a *Tábua glossária*. Tem um prólogo novo e anónimo, talvez de Mendes Leal.

Pertence à *Biblioteca Portuguesa (Reprodução dos livros nacionais, escritos até ao fim do século XVIII)*, a primeira colecção de clássicos portugueses. Saíram quinze tomos, com textos de Vicente, Bernardim, Camões, Francisco de Moraes, Francisco de Andrade, Rolim de Moura e Cavaleiro de Oliveira.

1907-1914
Obras de Gil Vicente
Coimbra: França Amado

Edição em três tomos, que são os números XI, XV e XVII dos *Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa*, com revisão, prefácio e notas de Mendes dos Remédios. Deriva da edição de 1834. O tomo segundo (1912) inclui já o texto de *Festa*, revelado pelo Conde de Sabugosa seis anos antes. O tomo terceiro tem quatro secções preparadas por Júlio de Castilho: uma antologia de versos líricos e canções, uma cronologia, um índice de nomes próprios, feito com Braamcamp Freire, e um glossário.

Pela primeira vez, três séculos e meio depois da *Copilaçam*, a montagem é nova. Cada tomo reúne autos *em harmonia com o idioma escolhido pelo nosso grande dramaturgo*: no primeiro, textos em português; no segundo, textos bilingues; no terceiro, textos em castelhano. Dentro de cada tomo, reaparece a montagem de 1562.

1928
Obras Completas de Gil Vicente
Lisboa: Biblioteca Nacional

Fac-símile da *Copilaçam* de 1562. Fotografada dois exemplares: o da Biblioteca Nacional e o que está hoje em Harvard. Deste foram usadas as folhas preliminares e as do *quinto livro*, além de outras que estavam sujas no exemplar da Biblioteca Nacional. A reprodução tem erros e precisa de ser corrigida por confronto com originais. As folhas estão amarelas, engelhadas e transparentes. No entanto, este fac-símile é ainda a melhor edição integral do texto de Vicente que apareceu no século XX, a única por onde se pode ler sem prejuízo de maior.

1933

Gil Vicente. Obras Completas I
Coimbra: Imprensa da Universidade

Edição diplomática, feita por Marques Braga. Só saiu o primeiro volume, correspondente às *obras de devaçam*, porque a Imprensa da Universidade foi extinta. A leitura é feita pelo fac-símile de 1928, de que repete erros.

Em 1933, este projecto de transcrição era anacrónico. A edição diplomática de impressos é anterior à fotografia. Pretende ser uma reprodução analógica e dá conta da oposição entre gótico e redondo, mas não representa colunas, páginas, folhas. No entanto, a publicação dos materiais reunidos por Marques Braga num volume auxiliar da leitura do fac-símile teria sido um bom serviço. Nesta edição, tomaram a forma de notas de rodapé, um vocabulário, um ensaio e a transcrição de supostas fontes.

1942-1944

Gil Vicente. Obras Completas
Lisboa: Sá da Costa

Edição em seis volumes, também feita por Marques Braga. Apresenta-se como sequência e transformação do projecto interrompido em 1933 e foi publicada a um ritmo de dois volumes por ano. O primeiro é ilustrado com a gravura da estátua no frontão do Teatro Nacional e um fac-símile da assinatura de 1535. Houve várias reimpressões (1951, 1958, 1971, 1974, 1978) e uma tiragem miniatura (1944).

A leitura continua a ser feita pelo fac-símile de 1928, de que repete erros, mas, pelas notas de rodapé e pelo glossário, vale a pena consultar esta edição. Os volumes, brochados ou encadernados a azul, integravam-se na Coleção de Clássicos Sá da Costa que foi, no seu tempo, a possibilidade melhor para o conhecimento dos textos antigos nos Liceus e Faculdades.

1943-1944

Obras Completas de Gil Vicente
Lisboa: Ocidente

João de Almeida Lucas começou a publicação dos textos em volumes soltos, auto a auto, com prefácio, notas, glossário e leitura feita pelo fac-símile de 1928. Saíram apenas dois volumes: *O Velho da Horta* (1943) e *Exortação da Guerra* (1944).

Na mesma altura, João de Almeida Lucas publicou três cadernos de *Notas para uma edição de Gil Vicente*, também eles fragmentos de um projecto global.

1946

Obras Completas de Gil Vicente
São Paulo: Edições Cultura

Edição anónima, em dois volumes que reproduzem a montagem de 1562. Inclui uma antologia de 29 líricas e canções de Vicente. Descrita por Constantine C. Stathatos em *A Gil Vicente bibliography* (Londres: Grant & Cutler, 1980: 27).

1953-1954

Gil Vicente. Teatro
Firenze: Sansoni

Tradução para italiano do texto dos autos, feita por Enzio di Poppa Vulture. Foi reeditada em 1957. É, até hoje, a única tradução integral para uma língua estrangeira. Descrita por Constantine C. Stathatos (1980: 46).

1956

Gil Vicente. Obras Completas
Barcelos: Companhia Editora do Minho

Edição preparada por Álvaro Júlio da Costa Pimpão, com introdução, notas e glossário. Tem vinhetas e iluminuras de Joaquim Lopes. Foi reeditada em 1962 e em 1979 (Porto: Civilização). A leitura é feita pelo fac-símile de 1928 e nenhuma outra tinha sido tão cuidada.

1965

Obras de Gil Vicente
Porto: Lello

Edição num único volume, em papel bíblia. Plagia da de Coimbra (1907-1914) as secções preparadas por Júlio de Castilho e a leitura do texto de Vicente. Mantém assim erros e lapsos da edição de 1834. Um exemplo: persiste o erro na data de *Índia*. Na montagem, a mais irregular de quantas houve, intervém a classificação genérica de 1562, com a ordem alterada, e um critério cronológico no interior de cada género. Foi a única edição feita a tempo de aproveitar o mercado livreiro do quinto centenário do nascimento de Vicente, comemorado em 1965, por mau arbítrio do governo de Salazar.

1966-1970

Gil Vicente. Obras Completas

Lisboa: Minerva (volume 1) e Portugal (volumes 2 e 3)

Edição organizada por Reis Brasil, comemorativa do suposto centenário e incompleta. Foram publicados três volumes, no formato de 18 por 24 centímetros, com os textos de catorze autos, acompanhados de *explicação integral e abundantes notas*. O texto de Vicente é publicado nas páginas pares. Nas ímpares, o responsável pela edição escreve peças novas, em português e em prosa, como resultado de um propósito inepto de paráfrase. A montagem, embora com erros, é a primeira que procura acompanhar a cronologia dos autos.

1983

Copilaçam de Todalas Obras de Gil Vicente

Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Edição em dois volumes, a cargo de Maria Leonor Carvalhão Buescu, e integrada no programa da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura.

O título é inadequado ao objecto que se edita. No século XX, *Copilaçam* só podia ser nome de fac-símile e talvez tenha havido erro na transmissão de uma encomenda. O projecto dos dois volumes é mais o de *obras completas*, na tradição romântica que dura desde 1834. A sequência dos textos reproduz a montagem de 1562, e a leitura é indecisa e aproximativa.

Em abono da edição, refira-se a existência de folhas fac-similadas da *Copilaçam* de 1562, embora sejam poucas e reduzam a dimensão original. As sobrecapas têm vinhetas anacrónicas (são de 1586) que o leitor não pode deixar de integrar, erradamente, na sua imagem do livro de 1562. Nas costas, reproduz-se o juízo de Garcia de Resende na *Miscelânea*, que não convém mostrar como única legenda escolhida.

1988-1993

Vicente

Lisboa: Quimera

Colecção dirigida por Osório Mateus, com desenho de Cristina Reis. Compreende sessenta cadernos, distribuídos por seis caixas de dez, e realiza um programa de análise monográfica da produção artística de Vicente. Pertence-lhe este caderno.